



## **10º Simposio de Ensino de Graduação**

### **INTERVENÇÃO E ACOMPANHAMENTO PSICOSSOCIAL DE JOVENS EM CONDIÇÕES DE VULNERABILIDADE DE UM BAIRRO PERIFÉRICO DA CIDADE DE PIRACICABA/SP**

#### **Autor(es)**

---

KATIA CRISTINA PIRES

#### **Co-Autor(es)**

---

HELENA DETONI

#### **Orientador(es)**

---

MARIÁ APARECIDA PELISSARI

#### **1. Introdução**

---

O Estatuto da Criança e do Adolescente concebe as crianças e adolescentes como “sujeitos de direitos em condição peculiar de desenvolvimento”. Anteriormente empregava-se o termo “menor”, que era utilizado na determinação de idade, basicamente para estabelecer a responsabilidade penal por atos cometidos (GREGORI, 2000). Termo que foi abolido e atualmente vigora a definição “criança e adolescente em situação de risco”, conceito que diferencia as crianças carentes daquelas que cometem infrações e indica uma situação de vulnerabilidade, em perigo de vida. (GREGORI, 2000).

De acordo com estudos recentes, a vulnerabilidade social tem sido situada como o resultado negativo da relação entre a disponibilidade de recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos e o acesso desses à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que proveem do Estado, mercado e sociedade. O resultado se traduz em desvantagens e debilidades no desempenho e mobilidade social dos atores (ABRAMOVAY, 2002).

Jovens em situação de vulnerabilidade correm o risco de sofrerem uma intensa exclusão social e as estatísticas apresentam uma realidade que está longe de ser festejada. De acordo com os dados, a violência atinge com maior intensidade a grupos específicos e em especial os jovens do sexo masculino. (ABRAMOVAY, 2002).

Há dificuldade dos especialistas em definir quais são os adolescentes pertencentes ao grupo: meninos de rua e ou meninos na rua. Para Koller (2002), o senso comum define por menino de rua, todo aquele que está nas ruas, trajando uma roupa identificada à miséria. Não se fazem distinções e tem sido habitual o procedimento de tomá-lo como emblema do descaso social.

Gregori (2000) aponta que na rua a situação dos meninos é imensamente instável e variável, o que implica em um esforço diferencial dos organismos de atendimento, assim como uma tarefa qualitativa de análise.

O lócus rua caracteriza-se pelas contradições e implicações de uma realidade social desigual, onde impera a competitividade ou rivalidade entre seus ocupantes, que normalmente são os mais destituídos. Nesse contexto, aquele sujeito que ali convive e que dispõe de menos instrumentos de defesa torna-se vulnerável. “(...) Os meninos de rua, por definição, estão fora de lugar e fora de controle. São tomados, nesse sentido, como agentes e, simultaneamente, como vítimas (por serem menores) da violência” (GREGORI, 2000 p.64). No entanto, também é possível extrair da rua algum benefício e neste sentido ela também se torna “agasalhadora da miséria”.

As crianças e jovens que permanecem por muito tempo nas ruas normalmente estão expostas não somente à falta de recursos materiais, mas a uma ausência de convívio com os pais ou vivenciam uma convivência caracterizada por relações conflituosas, que muitas vezes reverberam em violência. Nesse sentido, o processo de sociabilidade com as ruas, vivenciado por esses meninos, pode ter seu início em seu núcleo familiar e na experiência escolar.

Há uma constante interação entre o modo de vida comunitário e familiar. O padrão estabelecido nessas relações primárias tende a ser transposto para as relações sociais mais amplas. Por outro lado, os problemas enfrentados em situações sociais provocam o retorno ao ambiente doméstico de pessoas frustradas e vulneráveis, a expressar agressividade (GREGORI, 2000).

Diversos atores pressupõe que a experiência na rua e de rua burla o “direito à infância”: direito a permanecer sob os cuidados da família e a formação escolar, direito de gozar de um tempo para brincar e aprender (GREGORI, 2000). Esta é a imagem da “infância traída”, da criança que sofre as limitações inerentes ao seu papel de criança e que não se vê em condições de se opor a essa condição. O público alvo deste trabalho foi um grupo de adolescentes em situação de risco, que passa a maior parte do tempo em constante circulação entre suas casas, as ruas, a escola e as instituições religiosas localizada no bairro. Jovens que em sua maioria estão expostos à violência doméstica e aos vínculos familiares esgarçados. Nesse sentido, torna-se relevante o trabalho junto a essa população, uma vez que a mesma está imersa na vulnerabilidade social e necessita de um atendimento a nível qualitativo que possibilite o acesso às novas formas de sociabilidade e inserção.

## 2. Objetivos

---

O objetivo do presente trabalho foi promover a superação da serialidade para condição de grupo, facilitando o desenvolvimento do processo grupal nos âmbitos operativo, valorativo e afetivo. Como desdobramento buscou-se ampliar a sociabilidade e trabalhar a inserção social e promover a (re)constituição da identidade do sujeito e da identidade coletiva.

## 3. Desenvolvimento

---

O campo de estágio iniciou-se em uma instituição missionária, inserida em uma chácara em um bairro da periferia de uma cidade do interior paulista, mantida por uma instituição religiosa. O projeto visa acolher crianças e adolescentes oferecendo práticas recreativas e educativas de cunho moral, ético e religioso.

Esse trabalho objetivou promover estudos e intervenções somente o grupo de jovens do sexo masculino, a partir dos onze anos de idade. No entanto, no desenvolvimento constatou-se a necessidade de união das turmas de meninos e meninas, visando maior sociabilidade e convivência entre os mesmos, uma vez que as turmas estavam organizadas separadamente com o objetivo de assim evitar conflitos entre meninos e meninas.

Os jovens residem em bairros próximos à chácara. Pode-se dizer que esses adolescentes mantêm laços familiares, mesmo que frágeis. Dessa forma, a população alvo são meninos na rua, onde se relacionam e vivenciam diversos tipos de situações. Os encontros ocorriam em todos os sábados, das 14h00min às 16h00min, mas as atividades com o grupo específico tinham duração de aproximadamente 50 minutos.

Como instrumento de registro de dados para sistematização, análise e teorização da realidade da população em questão, conforme referenciais psicossociais, visando à elaboração do diagnóstico e assim identificar quais aspectos demandariam a intervenção da psicologia social e a melhor forma de realizá-la, foram utilizados diários de campo que consistem em narrativas realizadas semanalmente sobre cada encontro, incluindo as impressões e sentimentos das estagiárias, além do planejamento desses e reflexões críticas acerca do contexto e do grupo. Os dados foram sistematizados em cédulas de campo que são formuladas contendo as seguintes informações sobre cada encontro: Data das reuniões; Vivências ou atividades realizadas; Participantes; Objetivos; Comentários; Destaques. Sendo assim, a observação associada aos diários e cédulas de campo proporcionou a elaboração do diagnóstico e condições para o desenvolvimento das estratégias de intervenção que foram realizadas através de jogos recreativos e educativos, dinâmicas ou vivências em grupo e rodas de discussão que abordavam temas atuais, que refletiam a realidade dos adolescentes que constituíam o grupo e que surgiam a partir dos encontros realizados como necessidade de reflexão. Tais intervenções permitiram que se revelassem novamente os aspectos que deveriam ser analisados sobre o grupo e que possibilitam um diagnóstico em processo e a intervenção visto que os mesmos se constituem em uma relação dialética.

As técnicas grupais denominadas vivências ou dinâmicas de grupo foram constantemente utilizadas, por serem instrumentos valiosos com fins diagnósticos, análises diversas e também na intervenção propriamente dita, que já perspectivavam o próximo encontro. As técnicas também visavam aquecer o grupo, descontraí-lo, principalmente antes de situações em que estava previsto o enfrentamento de tensões e angústias vivenciadas pelo grupo como, por exemplo: Dinâmica de apresentação entre as turmas; Quebra-gelo caracol; Salada de frutas; Sociograma; Anúncios; Despertando o conhecimento; Construção do rosto coletivo e Abrigo subterrâneo.

Após um longo período de paralisação das atividades da instituição, que se deu no final do ano de 2011 e início de 2012, as estagiárias - para retomar e recompor o grupo diante da dispersão - saíram em busca de seus atores participantes no bairro. Dessa forma, enfrentaram o desafio de agrupar os meninos e meninas, agora fora da instituição por onde tudo se iniciara. A primeira reunião do grupo ocorreu no espaço de um projeto social em bairro próximo, local público destinado às mais diversas atividades sociais e culturais. Posteriormente, jovens e crianças de várias idades se reuniam junto às estagiárias, semanalmente, no campinho de areia do bairro e ali se realizavam atividades com todos os presentes. Essa interação se deu na rua, no lugar onde realizam diversas trocas, onde operam códigos próprios e que funciona como parâmetro de identificação social.

Ao final do estágio os grupos eram reunidos tanto no espaço da instituição da escola dominical, quanto no bairro. Cabe ressaltar que atualmente o trabalho ainda segue seu curso, para além do estágio, uma vez que a estagiária se viram envolvidas com a população que escolheram, com suas necessidades e com os vínculos que conseguiram construir.

#### 4. Resultado e Discussão

---

Os dados evidenciam que os voluntários da instituição compartilham os mesmos valores éticos, morais e religiosos que se explicitam na forma em que organizam as turmas. A tentativa dos membros do projeto é orientar os jovens visando a evitação de conflitos, principalmente os relacionados à sexualidade, refletidos na atitude consentida por todos de separar os meninos das meninas. Desde o início isso se mostrou uma contradição que – em vão – as estagiárias procuraram superar.

A observação e a análise das relações interpessoais e grupais revelavam que os meninos mais velhos tentavam “dominar” os mais novos em forma de constantes provocações e falas egocêntricas. Essa também foi uma das razões pelas quais as turmas eram divididas. Existia uma notável disputa de poder entre os jovens e as relações eram caracterizadas por um distanciamento e até mesmo artificialismo entre os membros do agrupamento. Alguns garotos demonstraram insegurança, baixa estima e medo da incapacidade. Após a paralisação das atividades na instituição, diversos encontros foram realizados em espaços públicos fora das dependências da instituição. Interessante destacar que nesses locais os jovens pareciam mais livres para falar sobre diversos assuntos. Ficou evidente também que o vínculo com o grupo não chegou a se romper, em vista da lacuna de tempo que os separou. Nos diversos encontros emergiram fragmentos tristes de história de vida, como: mortes, tráfico de drogas e o ódio compartilhado aos policiais. Nestas situações as estagiárias procuraram ganhar a confiança deles, oferecendo espaço de escuta, intervindo de maneira a possibilitar outras interpretações e explicações dos fatos, tratando-os como sujeitos, a fim de que pudessem se beneficiar de outros modos de sociabilidade.

No grupo foi possível observar que havia um constante movimento de faltas e novas presenças, que além de tornar evidente a circulação que caracteriza os meninos na rua demonstrou que eles ainda não haviam elaborado identificação de referência para com o grupo propriamente dito. Nesse sentido, a instituição, que transmitia com certa rigidez suas bases morais e religiosas, construiu para com o grupo uma relação de pertença, como nos grupos primários, não conseguiu perceber que também poderia ter se consolidado em lugar de referência, quando os jovens assimilavam as mensagens que visavam o progresso do grupo e quando tinham insight, que possivelmente os orientaria na vida fora daquele contexto e possibilitaria a interiorização de novos referenciais e aprendizados nos âmbitos operativo, valorativo e afetivo.

Considerando especialmente os jovens participantes pôde-se perceber que de fato, na serialidade os indivíduos são indiferenciados e facilmente substituíveis, tal como expõe REBOREDO (1995). Há condições que permitem a aglutinação e o movimento para que o agrupamento constitua-se em grupo. “Neste processo, a alienação faz-se presente como parte da práxis-humana, pois o indivíduo nasce na condição de alienado e tem que lutar contra esta condição” (REBOREDO, 1995). Viver o isolamento da serialidade significa ser reproduzido pelo “outro” como mercadoria, o que descaracteriza a condição de ser humano. Nesse sentido o “Outro” ou “Tu”, pode ser visto como obstáculo que não permite a realização do projeto individual. E com isso é possível afirmar que o agrupamento de jovens que se encontrava na serialidade, era composto de pessoas isoladas, que não mantinham relações recíprocas.

A superação dessa condição ocorreu após longo processo, em que foram amplamente exploradas as dimensões afetivas, valorativas e operativas do agrupamento. Sendo assim, verifica-se um “caminhar” do agrupamento para a categoria sartreana do “grupo-em-fusão”, momento em que emergem sinais do movimento da práxis humana que é a conscientização da alienação do indivíduo e a captação da alienação e isolamento do outro, passando a agir de forma comum para uma finalidade e tomando a “consciência do Nós”.

#### 5. Considerações Finais

---

O agrupamento que se caracterizava pelo “vazio” de relações interpessoais, tornou-se repleto delas, em uma espiral de significados que foram se engendrando, em um processo gradual. Os componentes do grupo “aprenderam” a olhar o outro como a si mesmo e evoluíram da condição de indiferentes para a condição de humano-genérico, condição essa que dá amplas possibilidades de transitar por outros momentos do processo grupal: Fusão, Juramento, Organização, Fraternidade-Terror e Institucionalização e quem sabe não seja possível considerar o devir de uma organização comunitária no bairro.

O auto-conhecimento e a auto-estima podem ser considerados sentimentos básicos para a superação de pré-conceitos e preconceitos. O fortalecimento desses sentimentos auxilia na compreensão da própria realidade e na transformação dessa a partir da reflexão tanto no que se refere às práticas de socialização, quanto as relações interpessoais, compreendendo as diferenças como singularidades do sujeito e não como alienação no individualismo, ao reconhecer o sujeito como humano genérico, uma vez que o homem, enquanto tal, jamais está sozinho, mas sempre em integração, cuja parte consciente é o homem e na qual se forma sua “consciência de nós”. (HELLER, 1970).

---

## Referências Bibliográficas

---

ABRAMOVAY, M. et. AL Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para as políticas públicas, Brasília: UNESCO, BID, 2002.

CONTINI M. J.; KOLLER S. H., BARROS M. N. S., Adolescência e Psicologia: Concepções, práticas e reflexões críticas. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Psicologia, 2002.

GREGORI, M. F. Viração: experiências de meninos nas ruas, São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

HELLER, A. Estrutura da Vida Cotidiana e Sobre os Preconceitos In: O Cotidiano e a História. RJ, Paz e Terra, 1970.

REBOREDO, L. A. – De eu e Tu a Nós; o grupo em movimento como espaço de transformação das relações sociais. Prefácio de Silvia T. M. Lane. 2ª Edição. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1995.